



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências – Bauru



BRUNO JACOB DE CARVALHO

**O FUTEBOL/FUTSAL FEMININO NA ESCOLA PÚBLICA: UM
ESTUDO NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO/SP**

BAURU

2018

BRUNO JACOB DE CARVALHO

O FUTEBOL/FUTSAL FEMININO NA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO
NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO

Orientador: Willer Soares Maffei

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

BAURU

2018

RESUMO

O Futebol e o Futsal são elementos comuns e presentes na vida de boa parte dos brasileiros. Na escola, apesar do amplo uso como conteúdo nas aulas de Educação Física, defasagens no tratamento e na metodologia de trabalho tem atrapalhado a participação das alunas. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é apresentar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre a prática do Futebol/Futsal feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo/SP. Para isso, foi utilizado um questionário com oito perguntas abertas e parcialmente abertas aplicado a 47 participantes. O referencial teórico utilizado para fundamentação foi a teoria da relação com o saber (CHARLOT, 2000). Para tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e análise quantitativa, através das frequências absoluta e relativa. Os resultados mostram que 70% informaram ter passado por experiências com o esporte na escola. Mostram ainda que ele é o segundo esporte na preferência delas e, também, o segundo mais rejeitado por elas. O principal motivo que as leva ao interesse pelo esporte foram sentimentos positivos, como “gostar, achar legal e interessante”. Os principais motivos que as levam ao desinteresse foram sentimentos negativos, como “não gostar e não agradar”, além de impedimentos por parte dos meninos e falta de colegas praticantes para jogarem juntas na aula. Assim, baseado em Charlot (2000), as experiências e os sentimentos positivos transmitiram significado ao esporte para parte das meninas, o que faz com que elas se mobilizem na busca deste saber e no interesse por ele. Por outro lado, a ausência de experiências relevantes ou vivências negativas não despertaram o desejo, por isso dificilmente elas se mobilizarão e o esporte não terá significado para esta outra parte, causando desinteresse. Conclui-se que aspectos intrínsecos e extrínsecos influenciam a participação de alunas na prática de Futebol nas aulas de Educação Física, sendo que o professor tem acesso, por lógica, apenas aos fatores extrínsecos. Por isso, é importante o trabalho com esse conteúdo na escola e o estímulo para que elas também pratiquem, em turmas mistas ou exclusivamente femininas, para que, assim, elas possam construir sentidos e atribuir valor maior ou menor à modalidade em suas vidas.

Palavras-chave: Futebol Feminino, Educação Física, Interesse, Desinteresse.

ABSTRACT

Soccer and Futsal are both common and presents elements in the lives of most Brazilians. At school, despite the wide use as content in Physical Education classes, lags in the treatment and methodology of work has disrupted the participation of the female students. The present study aimed to exhibit the perspective of secondary school students about the practice of women's soccer in Physical Education classes in state public schools of Santa Cruz do Rio Pardo – SP. Data are collected through a open and partially open questionnaire applied to 47 female students. For data treatment, was used the analysis of content (BARDIN, 2011) and quantitative analysis, through absolute and relative frequencies. Theoretical basis used was theory of relationship with knowlegde (CHARLOT, 2000). Results show that 70% of girls have already had some experience with this sport at school. They have also showed that soccer ranked at second most preferred sport and also the second less accepted between them. The main reason that aroused interest were positive feelings, as “like, think nice and interesting”. The main reasons that aroused disinterest were negative feelings, as “not like and not please”, besides hindrances imposed by boys and the lack of female practitioners. Based on Charlot's theory (2000), positive experiences and feelings transmitted meaning to the sport for girls, which causes mobilization in the search for this knowledge and interest for it. On the other hand, absence of relevant experiences or negative practices did not arouse desire, therefore they will difficultly mobilize and the sport will have no meaning for them, causing disinterest. We conclude that intrinsic and extrinsic aspects influence the participation of female students in the practice of Football in Physical Education classes, and teacher has access, obviously, only to the extrinsic ones. Then, we reinforce the importance of working with such content in school and of incentive for them to practice in mixed or exclusively female teams, so that they can build meaning and assign greater or lesser value to the modality in their lives.

Key-words: Women's soccer, Physical Education, Interest, Disinterest.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Esportes que despertam maior interesse nas meninas.....	22
Tabela 2 – Esportes que despertam menor interesse nas meninas.....	23
Tabela 3 – Motivos que levam ao interesse das meninas pelo futebol.....	25
Tabela 4 – Motivos que levam ao desinteresse das meninas com relação ao futebol.....	25
Tabela 5 – Justificativas para o futebol como conteúdo da Educação Física.....	29

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1 – Experiência com Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física.....	24
Figura 2 – Organização das turmas para prática do Futebol/Futsal nas aulas.....	26
Figura 3 – Incentivo dos Professores para a prática do Futebol.....	27
Figura 4 – Futebol como conteúdo nas aulas de Educação Física.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 FUTEBOL E FUTSAL FEMININO.....	9
2 FUTEBOL E FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
4 OBJETIVO.....	18
5 METODOLOGIA.....	19
5.1 Instrumento.....	20
5.2 Constituição da amostra.....	20
5.3 Análise e discussão dos dados.....	20
5.4 Comitê de Ética.....	21
6 RESULTADOS.....	22
6.1 Interesse das alunas nas aulas de Educação Física.....	22
6.2 Motivos que levam ao interesse e ao desinteresse pelo Futebol.....	24
7 DISCUSSÃO DOS DADOS.....	30
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	43
APÊNDICE B.....	44
APÊNDICE C.....	45
APÊNDICE D.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho se fundamenta em experiências e vivências que carrego comigo desde que eu era aluno da Educação Básica e, também, com base em observações realizadas no Estágio Supervisionado da faculdade no acompanhamento dos alunos nas aulas de Educação Física, mais especificamente das alunas, quando o conteúdo era o futebol ou o futsal.

Além disso, o modo como têm sido conduzidas as produções a respeito desta temática e as poucas pesquisas a respeito não parecem estar surtindo efeitos significativos na prática, pois, como veremos, parece haver alguma defasagem na metodologia ou no tratamento do conteúdo.

O Futebol sempre fez parte da minha vida, desde criança jogava na rua e em campinhos da cidade, visitava estádios e sonhava em ser jogador. Na escola, com certeza era o conteúdo que mais gostava.

Quando realizei os estágios, vendo a pouca participação dos alunos nas aulas observadas, e depois de discutir uma proposta com o professor orientador, delimitamos o tema da pesquisa, entendendo que não estudariamos o porquê de os alunos não participarem das aulas quando o assunto era o futebol (até porque isso ocorre mais frequentemente), mas sim por que elas (as meninas) não o fazem. Ou melhor quisemos responder as perguntas: elas jogam? Por que jogam? Ou, por que não jogam?

Entendemos que, como profissional e futuro professor de Educação Física, é importante ter conhecimento sobre os motivos que despertam o interesse e/ou o desinteresse neste assunto em especial. Isso, como o leitor constatará, poderá direcionar a prática pedagógica com um olhar diferente do que temos no momento.

Talvez esse entendimento tenha dificultado a busca por uma literatura com a mesma linha de raciocínio que trataremos aqui, porém, talvez essa seja justamente a maior contribuição deste trabalho.

Para auxiliar esta compreensão, o trabalho está estruturado da seguinte forma:

No Capítulo 1, Futebol e Futsal Feminino, será apresentado um breve histórico do Futebol e do Futsal Feminino no Brasil e no mundo. Utilizamos os principais fatos históricos e acontecimentos desde os primórdios da participação feminina neste esporte, além de dados da situação atual da modalidade.

No Capítulo 2 trataremos do conteúdo Futebol e Futsal nas aulas de Educação Física. Será apresentado o esporte como componente curricular, algumas dificuldades que as meninas

passaram, possíveis desvantagens atuais e o que a literatura tem mostrado acerca desse contexto.

No Capítulo 3, será apresentado o referencial teórico utilizado para embasar nossa pesquisa. Utilizamos a teoria da relação com o saber de Bernard Charlot, cuja principal contribuição é justamente a forma de relacionamento dos conteúdos vistos na escola e o contexto dos alunos, sendo que há um ciclo entre mobilização, interesses e significado deste saber.

Em seguida, no Capítulo 4, apresentamos o objetivo da pesquisa, que é precedido pelo Capítulo 5, o qual descreve a Metodologia utilizada na pesquisa. Neste capítulo, falamos sobre as abordagens mistas de dados, utilizadas aqui. A grande quantidade de informação atualmente tem gerado outras necessidades nas pesquisas científicas ao longo do tempo, e a complementação dos dados quantitativos com qualitativos, e vice-versa, tem contribuído na compreensão dos fenômenos estudados.

O Capítulo 6 traz os resultados da pesquisa. Os achados mostram que o Futebol é bem visto, mas não como esporte preferido, segundo as participantes. Apesar da maioria relatar já ter passado por experiências com o esporte na escola, parece que não foram suficientes e/ou interessantes para todas, sendo que tal fato não é, necessariamente, um aspecto negativo.

Em seguida, é apresentado, no Capítulo 7, a discussão dos dados de acordo com a literatura presente e baseado no referencial teórico descrito acima. Pode-se compreender os achados através da ótica “sentido deste saber no contexto da aluna”, isto é, ainda que há empecilhos para que elas pratiquem, eles não se mostram determinantes na não participação de parte delas na modalidade.

Finalmente, no Capítulo 8, estão apresentadas as considerações finais, sem o intuito de encerrar as discussões, mas sim de ampliá-las. Sendo que o dever da pesquisa científica é debater ideias por diversos ângulos, esta poderá auxiliar no direcionamento de outros estudos que guardem relação com esta temática.

1. FUTEBOL E FUTSAL FEMININO

Assim como meninos se motivam a ser jogadores de futebol ao olhar para grandes craques, meninas também sentem tal incentivo se espelhando em jogadoras como a brasileira Marta, de origem humilde, que venceu inúmeros obstáculos para se tornar, por cinco vezes, a melhor do mundo (FIFA, 2018).

A título de padronização, neste estudo trataremos o futebol e o futsal como conteúdo único (esporte praticado com os pés), considerando que a grande maioria das escolas não possuem campo disponível.

A primeira partida de futebol feminino disputada no Brasil foi em 1921 (UNZELTE, 2002). Em 1941, o Decreto-Lei 3199 do Ministério da Educação no artigo 54 assinalava que: “Às mulheres não se permitirão à prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza.” Em 1964, o Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu a prática dessa modalidade no Brasil. Tal decisão só se revogaria em 1981, sendo que em 1983 o futebol feminino foi legalizado (FUTEBOL NO BRASIL, 2012).

A inclusão do futebol feminino nas olimpíadas se deu no ano de 1996, em Atlanta/EUA, na qual o Brasil chegou a quarta colocação, assim como em 2000, nos jogos de Sydney, Austrália (FUTEBOL NO BRASIL, 2012). De lá para cá, foram muitas as participações em Pan-Americanos e Copas do Mundo, obtendo bons resultados como as medalhas de prata em 2008, nas Olimpíadas de Pequim, e em 2011, nos jogos Pan-Americanos de Guadalajara, bem como o vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007 (NEVES; FAGUNDES, 2012).

A prática do futebol feminino tem aumentado ao redor do mundo nos últimos anos, segundo dados da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA, 2018). A instituição acredita, porém, que o potencial de crescimento ainda é amplo, por isso sempre organiza competições mundiais, eventos, campanhas e programas para divulgação e capacitação. Diante disso, a entidade propõe como objetivos para o futebol feminino, junto aos seus membros confederados: aumentar o acesso a um maior número de jogadoras; desenvolver a qualidade do futebol feminino; melhorar os caminhos das categorias de base à elite e oportunizar o trabalho das mulheres com o futebol, dentro e fora de campo.

Juntamente com os 209 membros associados (MA), têm sido desenvolvidos programas e materiais com foco nas quatro principais áreas do futebol: competições, administração, educação e promoção. A esperança é o contínuo suporte ao desenvolvimento do futebol feminino pelo mundo, e que as garotas e mulheres se sintam encorajadas a trabalhar com isso, seja jogando, seja treinando, seja administrando (FIFA, 2018).

No ano de 2014 foi lançado o Women's Survey, um documento da FIFA cujo objetivo foi angariar informações de diferentes áreas dentro do futebol feminino (desenvolvimento de ligas; administração; participação feminina do futebol; investimentos no futebol feminino; cobertura midiática; necessidades e desafios). O documento foi organizado a partir da pesquisa com os 177 membros associados à entidade, sendo que os principais achados foram:

- Apenas 23% dos MA destinaram pessoal para assuntos relacionados ao futebol feminino;
- 80% dos MA têm uma equipe profissional, sendo que apenas 50% tem equipes de base;
- 78% têm uma liga nacional de futebol feminino;
- 82% destas principais ligas são administradas pelos MA;
- Número de jogadoras registradas: 4.801.360;
- Garotas em programas de formação de base: 1.166.926;
- Participação global: 10.145.700.

Além disso, apenas 8% das mulheres são membros de comitês executivos de seus respectivos países; 7% dos técnicos e 10% dos árbitros pelo mundo são mulheres. As conclusões do relatório mostram a necessidade de fornecer mais oportunidades às mulheres, para todos os níveis (FIFA, 2018).

O futsal feminino também vem crescendo no cenário esportivo brasileiro e mundial, de tal sorte que uma liga profissional é disputada no Brasil desde 2005 e a seleção brasileira vem se destacando nos campeonatos disputados (CBFS, 2018).

A prática de futebol de salão feminino somente foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (hoje integrada à FIFA) em 1983, passando por grande evolução desde esta época. De lá para cá, foi constituída a Seleção Brasileira do gênero em 2001, que disputou campeonatos sul-americanos de seleções a partir de 2005. No ano de 2007, a modalidade foi incluída nos Jogos Pan-Americanos e, com o crescimento da relevância, projeta-se a inclusão nos Jogos Olímpicos em um futuro próximo (SANTANA, 2008).

Falando em Brasil, apesar do potencial, não são muitos os locais onde essa projeção é evidente. Falta de infraestrutura, de profissionais capacitados e também de garotas dispostas a seguir a profissão parecem ser barreiras a uma consolidação da modalidade. Mesmo no futebol masculino, a precariedade das condições da maioria dos clubes, tanto nas categorias de base, como em boa parte dos profissionais, pode ser desestimulante. A notoriedade e o status que uma pequena parcela deles parece colocar uma máscara naqueles empecilhos, considerando ainda que a situação econômica do país tem dificultado as coisas (DAMO, 2005).

Algumas ações têm tentado estimular e dar mais visibilidade ao futebol feminino no Brasil. No ano de 2017, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) exigiu que, a partir de

2019, equipes que não tiverem times femininos disputando competições nacionais não poderão participar da Copa Libertadores. Segundo a entidade, apenas 7 dos 20 clubes do campeonato brasileiro de 2017 estariam de acordo com a norma (FERNANDEZ, 2017).

Na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo-SP, onde foi realizado o estudo, apesar do contexto descrito acima, nota-se que o município tem se destacado no futsal feminino. De 2013 até meados de 2018, obteve ótimos resultados em torneios regionais, sendo Tricampeã da Copa Record de Futsal Feminino (SANTA CRUZ NEWS, 2018) e Tetracampeã da Copa TV Tem de Futsal Feminino (PAIS, 2017), o que alavancou a escolinha de futsal da prefeitura e chamou a atenção para o trabalho com tal conteúdo nas escolas da cidade.

2. FUTEBOL E FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No Brasil, como um todo, sabemos do largo trabalho com o futebol e o futsal nas aulas de Educação Física pelo país, tratado como algo cultural e como “melhor esporte” pelos alunos. No entanto, quando se fala do esporte feminino, há uma mudança de posição, já que são muitas as dificuldades encontradas nas aulas. Entre tais dificuldades, pode-se citar um suposto preconceito, possível gerador oportunidades menores (MARTINS et al., 2016), e a falta de relação entre tal conteúdo e a vida das jovens estudantes.

Souza Júnior e Darido (2002) reforçam que um dos motivos para o atraso da prática do futebol pelas mulheres pode ter sido a pouca participação e oportunidades a elas oferecidas nas aulas de Educação Física em décadas passadas. Isso pode guardar relação com as características do esporte, que era muito mais violento comparado aos dias de hoje (WILSON, 2016). O argumento utilizado, e que influenciou as legislações da época (CASTELLANI FILHO, 1988), era que a prática poderia causar lesões e danos ao corpo feminino.

Com o intuito de verificar as produções a respeito dessa temática, foi realizada uma pesquisa na base de dados Google Acadêmico com as palavras-chave futebol feminino na escola. Inicialmente foram encontrados 45300 resultados, um número considerado grande. Para maior delimitação, o descritor foi digitado entre aspas, “futebol feminino na escola”, e o número de textos caiu para aproximadamente 34 produções. No entanto, a maior parte desses trabalhos está relacionada com questões de preconceito, discriminação e/ou falta de oportunidades para as meninas, ou seja, não guarda relação direta com este estudo. Os principais textos encontrados dessa maneira estão descritos a seguir.

Darido et al. (2001) afirma que, pela Educação Física Escolar, o aluno deve receber meios para usufruto dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas visando o exercício crítico da cidadania e melhoria da qualidade de vida. Em um outro texto da mesma autora (DARIDO, 2002), ela assinala que a escola não era um lugar comum para a prática do futebol feminino pois, quanto maior o número de pessoas olhando, principalmente os meninos, mais elas se sentem intimidadas em participar, pelo fato de ser uma atividade predominantemente masculina.

Souza Jr. (1991), em sua pesquisa, exibiu respostas de garotas sobre a opinião dos garotos com relação a elas jogarem futebol. A maioria delas disse que eles as considerariam masculinizadas e até teriam medo pelo fato de que elas poderiam ganhar deles.

Faria Jr. (1995) apresentou alguns procedimentos metodológicos para os professores de Educação Física trabalharem com o futebol nas aulas. Para ele, o desporto de equipe pode atuar

ensinando a tolerância e aceitação das diferenças individuais. Pode-se dividir os alunos equilibradamente em relação às capacidades físicas; propor regras não permitindo que dois chutes a gol sucessivos sejam dados por jogadores do mesmo sexo; mostrar imagens de jogadoras de futebol e evitar situações como deixar as meninas por último nas escolhas dos times.

Por outro lado, Altman (1998) não vê com bons olhos mudanças nas regras para adequações das meninas. De acordo com ela, isso pode quebrar a dinâmica do jogo e as meninas podem ser “culpadas” (usando a expressão do autor) por isso, já que por causa delas uma nova regra foi criada. Assim, uma intervenção a princípio benéfica, pode acabar por reforçar uma situação indesejada.

Estratégias adequadas para trabalhar com o futebol feminino giram em torno da união ou separação das meninas e meninos, dependendo das atividades e das características do grupo acerca do nível de habilidade, número de alunos entre outros. Por isso o trabalho do professor se torna tão complexo, uma vez que é preciso considerar aspectos contextuais na sua tomada de decisão (DARIDO, 1999).

Ainda relacionado às palavras-chave mencionadas anteriormente (entre aspas), a literatura tem mostrado: no futebol feminino como um todo ainda existe segregação, cerceamento em certas práticas, erotização da mulher e vigilância sobre a identidade de gênero (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013); há admiração delas pelo esporte, mas nem sempre recebem motivação necessária pelos professores e colegas; não tem o hábito de praticar na escola, mas algumas o fazem em outros ambientes; acreditam que o esporte para elas deve ser mais valorizado na escola (DUARTE; INDALÉCIO, 2016); a inserção da mulher nesse esporte é representa a luta das mulheres contra discriminações e preconceitos sofridos por meio desta prática (SANTOS, 2016); existe preconceito e falta de apoio à prática delas, o que prejudicou o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil (RODRIGUES, 2015).

Como pode-se perceber, tais situações são estudadas em demasia, as problematizações são constantes e os resultados práticos parecem não estar sendo suficientes, pois se estivessem não estaríamos há aproximadamente 30 anos chegando às mesmas conclusões. Neste trabalho quisemos apresentar um ângulo diferente, um olhar para o futuro, pelo menos para fazer alunos e professores [re]pensarem.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao elaborar um planejamento de aulas, o professor deve considerar vários aspectos. Um deles é a relevância do conteúdo para o aluno, o que e como este conteúdo poderá contribuir em sua formação. Apesar dos discursos colocarem esse aluno como centro do processo, ainda há pouca investigação que relate o que eles têm a dizer. Por isso, torna-se relevante compreender suas necessidades e perspectivas perante a escola e o processo educacional (HUNGER; ROSSI, 2012). Para o professor de Educação Física não é diferente. Realmente é um desafio trabalhar seus conteúdos de modo a incluir o contexto do jovem dentro do contexto escolar de ensino-aprendizagem, e vice-versa.

Para tanto, Betti (1992, apud BETTI; ZULIANI, 2009) afirma que a Educação Física Escolar tem papel fundamental na preparação deste cidadão que aderirá a programas de ginástica, musculação, natação, futebol, etc. Ele deve, ainda, avaliar a qualidade do que está sendo oferecido nesses espaços e identificar o que mais lhe proporciona saúde e bem-estar. Sendo um processo a longo prazo, é interessante que a Educação Física ajude o aluno na descoberta dos motivos e sentidos das práticas corporais. Assim, ele estará desenvolvendo atitudes positivas para com estas práticas, aprendendo comportamentos adequados, conhecendo e compreendendo suas vontades e emoções na prática e aproveitamento do corpo se movimentando. Por outro lado, a perda do foco da aula de Educação Física, levando-a ao entendimento como uma atividade não séria, voltada ao fim em si mesma, ao desenvolvimento/prática esportiva ou a objetivos que diferem da introdução do aluno ao ambiente cultural do movimento, pode levar o aluno ao insucesso, abandono, afastamento ou fracasso na Educação Física (LA TAILLE, 2002; FERREIRA et al., 2016; GIOVÂNI FIRPO et al., 2015; CHICATI, 2008)

Charlot (2000), na explicação não-determinística do “fracasso escolar”, mostra como a posição e as origens sociais do jovem e da família, a prática docente e os sistemas educacionais poderiam até influenciar a questão do êxito ou não na escola. No entanto, um algo a mais deve ser considerado: a forma como ele se relaciona com o saber. Ele considera que a situação de fracasso ou sucesso na aprendizagem não é, necessariamente, responsabilidade somente do aluno, e que existe uma força social condicionante na apropriação dos saberes.

Sabe-se que a experiência escolar se dá através de relações internas (consigo próprio), externas (professores, funcionários, colegas) e, mais especificamente, com o saber. Em uma abordagem psicanalítica, esta última relação guarda profundas paridades com o desejo e suas condições psíquicas individuais, deixando de lado, em um primeiro momento, suas

características sociais (BEILLEROT; BLANCHARD-LAVILLE; MOSCONI, 1996 apud CHARLOT, 2000). No entanto, Charlot ressalta a forte associação das relações consigo mesmo e com o outro, a “sociologia do sujeito”, segundo a qual somos sociais e únicos simultaneamente. Seria justamente essa indissolubilidade que o caracterizaria como tal, permitiria os desejos, a partilha e a transformação do mundo com outros sujeitos, a construção de si mesmo e a educação.

Segundo Charlot (2000), é por meio das relações e da mediação que o ser humano se mobiliza na busca de seus interesses, ou seja, ao nascer, o ser humano é submetido ao processo de educação, que, em linhas gerais, é o aprendizado de viver como homem e com outros homens (enquanto espécie) na construção do mundo. Esse processo só é possível com a mediação de outros e supõe uma força de atração, o desejo. A partir daí, temos uma “mobilização”, pois nos colocamos em movimento em busca de interesses e razões. Isso gera, por sua vez, a ação ou “atividade”. Por exemplo, uma criança que vê valor e sentido em algo se mobiliza e investe recursos próprios, troca elementos com o mundo e busca o objetivo desejado. Tal “sentido” advém do estabelecimento de relações, com o mundo ou com os outros, ou seja, é o que ligará o objetivo à atividade. Diferentemente do desejo, o sentido se refere à importância, ao valor e, mais que isso, ao significado de algo para alguém. Essa significação pode levar ao desejo, que mobiliza o sujeito e se torna propulsor da atividade (CHARLOT, 2000). Em outras palavras, sendo o patrimônio humano interminável, só se mobiliza e se busca apropriação de algo quando há interesse, ou seja, quando algo faz sentido de acordo com a história do sujeito (BETTI et al., 2015).

Em função da teoria trazida por Charlot, é importante notar a diferença entre conceitos: a “informação” é exterior ao sujeito, o “conhecimento” se dá pelas suas experiências pessoais, que possui qualidades afetivo-cognitivas, e o “saber”, por sua vez, é a informação apropriada pelo sujeito, produzido em confrontações a outros (MONTEIL, 1985 apud CHARLOT, 2000). Assim, o saber é uma relação da pessoa com o mundo, com ela própria e com as outras, de tal forma que esse saber adquire valor e sentido justamente por tais relações.

Charlot (2000) também propõe formas de apropriação dos saberes já existentes no mundo, os quais ele as denomina de figuras do aprender: (a) objeto-saber: conteúdos presentes em livros, vídeos, artigos...; (b) objetos que se aprende a utilizar: pente, *smartphone*...; (c) atividades para dominar: escrever, jogar futebol...; (d) dispositivos relacionais: trata-se de aprender a relacionar-se com outras pessoas (cumprimentar, namorar...). Para apropriação desses diferentes saberes, cada indivíduo procede de uma maneira particular, considerando local e espaço onde vive, momento e tempo histórico, pessoas com quem se relaciona, direta

ou indiretamente, e oportunidades. Diante disso, epistemologicamente, o autor assinala que aprender pode ser a passagem da não-posse à posse (no caso dos objetos-saberes, quando o conhecimento adveio de livros, pessoas) ou do não-domínio ao domínio (de um objeto, atividade ou relacionamento consigo mesmo e entre pessoas).

Identitariamente, o aprender se baseia na história, expectativas, concepções de vida e, mais especificamente, na imagem que o sujeito tem de si mesmo e a que quer passar para seu entorno. Socialmente, é necessário considerar a preferência de cada pessoa por uma ou outra figura do aprender com base na sua posição social (não determinante, mas provável), sendo que a influência inversa também pode acontecer (CHARLOT, 2000). Dessa forma, não é a mera acumulação de conteúdos que deve ser o foco da educação, mas sim o processo de obtenção da relação de saber com o mundo. Nesse processo, é essencial considerar o sujeito encarnado, ativo, temporal, afetivo, provido de identidade própria, já que as relações também se dão consigo mesmo e com o outro (CHARLOT, 2000).

Com isso, podemos concluir que uma aula considerada bem-sucedida ocorre quando se relaciona com o mundo e faz os alunos se relacionarem com eles próprios intra e interpessoalmente (BETTI et al., 2015).

Trazendo este contexto mais próximo à Educação Física, um estudo avaliou a relação entre o que os alunos aprendem nas aulas e o que eles gostariam de aprender no Ensino Fundamental (BETTI et al., 2015). A amplitude de conteúdos encontrada foi muito grande, porém o mais comum, para ambas as questões, foi o esporte, seguido dos jogos e brincadeiras. Contudo, houve conteúdos que os alunos queriam aprender, mas pouco foi trabalhado. Foi o caso das lutas, atividades rítmicas e ginásticas. Para as capacidades físicas, os resultados foram inversos, isto é, foram relativamente bem trabalhadas, e não necessariamente por gosto dos alunos. Um ponto importante sugerido pelos autores foi a ampliação dos conteúdos tratados nas aulas, tendo em vista que a maior quantidade e qualidade destes aumenta a probabilidade de que cada aluno se mobilize em direção a algum ou alguns, considerando o sentido pessoal atribuído a cada conteúdo.

Já para o Ensino Médio, Pereira e Moreira (2005) observaram que em 46% das aulas de Educação Física não houve participação total dos alunos e que em 75% os conteúdos foram práticas esportivas. Contraditoriamente, 70,6% dos alunos participam das aulas por gosto e 28,5% por obrigação. Além disso, 57% dos discentes afirmam que os conteúdos trabalhados atendem seus interesses, dado que também vai ao encontro da baixa participação. Especificando mais os resultados, quase 50% dos alunos participam porque gostam e também têm seus interesses alcançados, porém 21% participam por obrigação, e ainda não têm seus interesses

atingidos. Dessa forma, nota-se a forte relação entre participação e interesse, sendo que a motivação aumenta, assim como a autonomia e a participação ativa dos alunos no desenvolvimento dos conteúdos.

Em um outro amplo estudo realizado no Estado do Espírito Santo, foi constatado que a maioria dos alunos relatou gostar das aulas de Educação Física (SCHNEIDER; BUENO, 2005). Eles declararam que é necessária a disciplina, uns em razão do contato sistematizado com os esportes e regras, outros pelas aulas serem um momento de lazer e de intensificação das relações humanas. Vê-se, assim, que o conhecimento sistematizado da Educação Física, com base em Charlot (2000), está centrado tanto no domínio de atividade, quanto no domínio dos dispositivos relacionais.

Schneider e Bueno (2005) ainda perceberam a dificuldade dos alunos em descrever os saberes aprendidos nas aulas de Educação Física. Segundo os autores, tais saberes são predominantemente “domínio de uma atividade”, isto é, controle do corpo e movimentos. E quando se faz necessário demonstrar o que sabem fazer com isso, os alunos não conseguem se expressar claramente. Baseado nisso, parece ser um dos objetivos dos professores que seus alunos consigam sistematizar os conteúdos do processo de escolarização, não apenas “falando deles”, mas também compreendendo “o que fazer com eles”.

Subsidiado por esses fundamentos, este estudo se mostra importante pois coloca em evidência a questão do futebol/futsal feminino dentro da escola, identificando as relações que as alunas da disciplina de Educação Física estabelecem com o conteúdo.

É importante deixar claro que não vitimizaremos as meninas quando o conteúdo for o futebol. Pelo contrário, parte-se do pressuposto que o professor [re]pense a respeito do sentido que este esporte tem no cotidiano de suas alunas, o que elas sentem ao praticá-lo, quais os elementos deste cotidiano que, por ventura, se relacionem com a modalidade e se realmente é um esporte atrativo para todas.

4. OBJETIVO

O objetivo do estudo é apresentar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre a prática do Futebol/Futsal feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo – SP.

5. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter misto, quantitativa e qualitativa, uma vez que os eventos estudados foram contabilizados e, além disso, procuramos compreender como se dão estes eventos.

Os fenômenos sociais têm se tornado cada vez mais complexos e, para considerar esta complexidade, os métodos de pesquisas não devem apenas mensurar e classificar os fenômenos, mas também valorizar as relações dinâmicas sujeito-mundo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 1997 apud SCHNEIDER; FUJII; CORAZZA, 2017).

Em Educação, tem se adotado mais comumente a pesquisa qualitativa pois nela está contido: a obtenção de dados descritivos, a proximidade do pesquisador com a situação, a ênfase no processo em detrimento do resultado e a retratação da perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986 apud SCHNEIDER; FUJII; CORAZZA, 2017).

No entanto, Creswell (2007, apud DAL-FARRA; LOPES, 2013) aponta que, atualmente, não se tem dividido os instrumentos em qualitativos versus quantitativos, mas sim tem-se trabalhado como eles se posicionam perante estas características. Este estudo, por exemplo, tende a ser mais quantitativo do que qualitativo, sendo que um não exclui o outro.

Métodos de pesquisas mistos combinam ambas as formas e objetivam mensurar acuradamente um construto específico e comparar grupos juntamente com uma análise das experiências humanas examinadas dentro de cada contexto. Isso porque, mesmo ao elaborar um instrumento de pesquisa quantitativo, existem escolhas subjetivas e, ao analisar os dados, existem interpretações pessoais. A subjetividade está diretamente relacionada com todos os métodos de investigação, uma vez que os processos são derivados de reflexões e concepções individuais (DAL-FARRA; LOPES, 2013).

Por esse motivo, pode-se afirmar que as duas formas de inquérito são compatíveis e podem ser usadas sequencialmente ou simultaneamente, a partir da natureza dos dados que se pretende levantar e obter (MORAIS; NEVES, 2007).

Duas das quatro indicações para utilização dos métodos mistos são: quando os resultados podem ser melhores interpretados com uma segunda fonte de dados e quando, isoladamente, nem a abordagem qualitativa tampouco a quantitativa é suficiente para compreensão do problema. Dessa forma, possibilita-se a realização de estudos com estratégias metodológicas diferentes, mas com dados complementares, facilitando a interpretação do fenômeno (SANTOS et al., 2017).

5.1 Instrumento

Para coleta das informações foi utilizado um questionário misto (Apêndice A), com oito perguntas abertas e parcialmente abertas. As perguntas foram fundamentadas em estudos anteriores de Kerne, 2014; Betti; Liz, 2003 e Souza Jr; Darido, 2002.

5.2 Constituição da amostra

Foi realizado um primeiro contato com a direção de quatro escolas estaduais que possuíam Ensino Médio na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo – SP, sobre a possibilidade da aplicação de um questionário para as alunas, através de uma Carta de Apresentação (Apêndice B). Após aprovação das gestoras de cada escola, foi agendada uma aula para aplicação com cada professor desta disciplina em cada unidade de ensino.

Antecedendo a aplicação, foi entregue e posteriormente recolhido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice C) para que as alunas levassem para casa e seus pais ou responsáveis autorizassem, ou não, a participação no estudo. Juntamente, estava o Termo de Compromisso do Pesquisador (TCP – Apêndice D).

Assim, o questionário foi aplicado a 47 alunas da 3ª Série do Ensino Médio. A amostra foi intencional pelo fato delas já terem passado por toda a Educação Básica, e por estarem presentes nas aulas no dia da coleta. A princípio não foi revelada o conteúdo específico pois poderia influenciar as respostas, apenas foi falado que trataria de questões relacionadas aos conteúdos e a participação nas aulas de Educação Física. Em três escolas, o levantamento foi feito no período matutino, e em uma no período vespertino, segundo as possibilidades do pesquisador.

5.3 Análise dos dados

Para a análise qualitativa dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). De acordo com Moraes (1999), utiliza-se tal metodologia para descrever e interpretar conteúdos de documentos e textos. As descrições podem ser qualitativas e/ou quantitativas, e ajuda na interpretação das mensagens e compreensão dos significados para além de uma leitura simples.

Após uma primeira leitura das respostas, foi feita a releitura e a identificação de unidades de análise. Estas, isoladas, geraram unidades de contexto, mais ampla para interpretação. De posse disso, foi realizada a categorização dos dados segundo os critérios definidos por Bardin (2011) – pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados/interpretação.

Já na análise quantitativa, foram utilizadas planilhas do Excel para encontrar as frequências absolutas e relativas dos relatos de acordo com as categorias definidas.

Para preservação do anonimato das participantes, elas foram enumeradas de 1 a 47, com base na sequência de recebimento dos questionários respondidos.

5.4 Comitê de ética

Para constituição da amostra, inicialmente o projeto foi submetido ao Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos, o qual está registrado com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o número: 40940615.3.0000.5398.

6. RESULTADOS

Após a leitura das informações trazidas no instrumento aplicado, os dados gerados na pesquisa foram separados e classificados de acordo com as categorias geradas. Assim, as respostas geraram duas unidades de análise: “Interesses” e “Motivos” que levam a prática do futebol na escola por parte das meninas. Por sua vez, estas geraram as unidades de contexto que foram classificadas em subcategorias, e que serão apresentadas em seguida. A categorização final foi realizada contrapondo subcategorias positivas, segundo as quais há adesão das meninas para com o futebol na escola, e subcategorias negativas, segundo as quais não ocorre essa adesão, gerando, portanto, as categorias Interesse e Desinteresse.

6.1 Interesses das alunas nas aulas de Educação Física

Para composição da Tabela 1 foram utilizadas as informações trazidas na questão 1 (Q1) do questionário, a qual solicitou às participantes para que citassem três esportes que mais despertam interesse individual, e três de menor interesse

As Tabelas 1 e 2, a seguir, apresentam as respostas consolidadas das participantes, trazendo, respectivamente, os esportes de maior e menor interesse. Na elaboração das tabelas foram consideradas as atividades compreendidas pelas participantes como Esportes na primeira coluna. Em seguida, na segunda coluna, a frequência com que os mesmos foram citados e, na terceira, o número de vezes que aparece como primeira resposta.

Tabela 1: Esportes que despertam maior interesse nas meninas

ESPORTES	FREQUÊNCIA DE CITAÇÃO	PRIMEIRA OPÇÃO
VÔLEI	38	23
FUTEBOL/FUTSAL	29	12
QUEIMADA	16	2
BASQUETE	15	5
HANDEBOL	8	1
NATAÇÃO	4	1
CORRIDA	3	1
GINÁSTICA RÍTMICA	2	1
TÊNIS	3	0
BOXE	2	0
JOGO	1	1
OUTROS	1	0

É importante destacar a compreensão que as participantes têm em relação ao termo Esporte, abrangendo, segundo elas, também jogos, ginásticas e lutas. Destaca-se, ainda, que, em “Outros”, foram citados Ginástica Olímpica, Skate, outras lutas, Caminhada, Xadrez e Musculação, com uma citação para cada modalidade.

Tendo como as informações apresentadas na Tabela 1, a maior incidência recaiu sobre os esportes de maior tradição nas aulas de Educação Física, ainda que a queimada também tenha sido citada como de grande interesse pelo público pesquisado, mesmo não sendo considerada como esporte.

As informações da Tabela 2 se referem aos esportes de menor interesse e os itens estão organizados segundo os mesmos critérios para elaboração da Tabela 1.

Tabela 2: Esportes que despertam menor interesse nas meninas

ESPORTES	FREQUÊNCIA DE CITAÇÃO	PRIMEIRA OPÇÃO
BASQUETE	23	13
FUTEBOL/FUTSAL	13	8
HANDEBOL	12	2
BOXE	7	3
VÔLEI	6	4
TÊNIS/CORRIDA	6	1
NATAÇÃO	6	0
QUEIMADA	4	3
FUTEBOL	3	0
AMERICANO/BEISEBOL		
PING-PONG	2	1
LUTA	2	0
GOLF	2	1
GINÁSTICA/JUDÔ	1	1
KART/GINÁSTICA RÍTMICA	1	0

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1 e 2, é possível notar que o Vôlei é o esporte com maior frequência de citação. Com relação ao Futebol/Futsal, a Tabela 1 exibe como a modalidade de segunda maior incidência, inclusive com um número significativo de respostas como primeira opção. No entanto, a Tabela 2 revela que é também o segundo mais rejeitado, com vários apontamentos como primeira opção. Tal informação mostra que, no geral, elas estão bem divididas com relação ao gosto e interesse por estes esportes.

Percebe-se que, dos cinco mais citados como preferidos, quatro são do “quarteto fantástico”, expressão usada na área para se referir aos quatro conteúdos esportivos mais ensinados nas aulas de Educação Física, sendo eles o futebol, voleibol, basquetebol e handebol

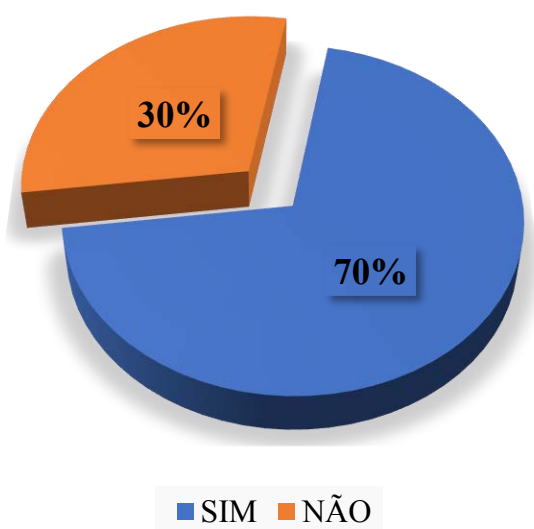
(MILANI, DARIDO, 2016). Na perspectiva tradicional esportivista, esses eram os únicos conteúdos ensinados. E o outro, a Queimada, não é considerada um esporte, mas também é muito presente nas aulas, principalmente para as alunas. Entre os menos preferidos, a situação é parecida, invertendo-se um pouco a ordem. Aqui, também aparece o Boxe, presente no currículo de conteúdos para o Estado de São Paulo.

6.2 Motivos que levam ao interesse e desinteresse pelo futebol

As questões utilizadas para levantar os motivos que levam as alunas a se mobilizarem para a prática do Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física foram as questões 2 e 3 (Q2 e Q3). Inicialmente, as participantes responderam-nas de forma fechada com as alternativas “Sim” e “Não” e, em seguida, apresentaram a justificativa para tal resposta. Aqui, é importante destacar que nem todas responderam devidamente as questões abertas, isto é, as justificativas, sendo que algumas das respostas foram demasiadas curtas e, por vezes, desconexas com as perguntas. No entanto, forneceram um bom panorama do que esperávamos.

O gráfico 1 exibe o percentual de meninas que relataram já ter tido alguma experiência com o futebol/futsal na Educação Básica.

Figura 1: Experiência com Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física



De acordo com a figura, houve maior incidência de respostas para “sim”, ou seja, grande maioria das participantes já vivenciou o Futebol nas aulas, porém os comentários em relação à prática foram variados.

Baseados nos conceitos de Charlot (2000), as menções positivas acerca das experiências foram classificadas na categoria Interesse/Sentido (Tabela 3), isto é, as meninas se interessam e gostam do esporte, mobilizam-se para praticá-lo e sentem algo de positivo ao fazê-lo. A tabela a seguir apresenta as frequências absoluta e a relativa, com base no total de menções positivas.

Tabela 3: Motivos que levam ao interesse das meninas pelo futebol

SUBCATEGORIA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA
POSITIVA		
Sentimentos positivos	38	90,5%
Novos aprendizados	3	7,1%
Movimentação do corpo	1	2,4%
TOTAL	42	100%

De uma forma geral, as meninas foram muito concisas nas palavras, sendo que para “Sentimentos positivos” as principais citações foram: “Legal/Gostei/Muito Bom”. E, em menor proporção: “Satisfatório/Emocionante/Interessante”.

Por outro lado, os comentários negativos foram categorizados como Desinteresse (Tabela 4), ou seja, elas não gostam ou não se interessam, por isso não se mobilizam para praticá-lo tampouco sentem algo ao fazê-lo. Ao lado, novamente, as frequências absoluta e relativa, baseadas no total de menções negativas.

Tabela 4: Motivos que levam ao desinteresse das meninas com relação ao Futebol

SUBCATEGORIA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA
NEGATIVA		
Sentimentos negativos	19	35,8%
Meninos não deixam	12	22,6%
Outros	12	22,6%
Praticantes insuficientes	10	19%
TOTAL	53	100%

Em “Outros”, as citações se referem à falta de: habilidade, lógica do esporte, oportunidades para jogar, tempo, além do cansaço ao praticá-lo.

Aqui, “Sentimentos negativos” foram utilizados com base nas falas: “Não gosto/Não me agrada/Não curto”.

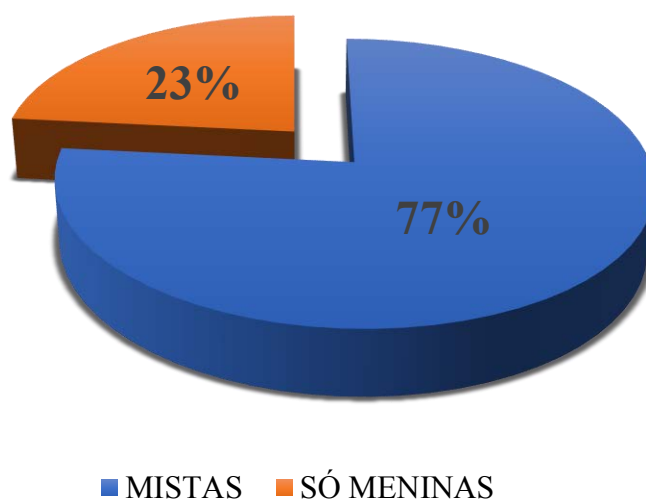
Algumas menções se referem a um possível monopólio da prática do Futebol pelos meninos nas aulas de Educação Física: “Os meninos não deixam” (Alunas 2, 4, 11, 37, 38, 41). “Os meninos não gostam que a gente jogue” (Aluna 12, 13, 42).

Ou, ainda, pela violência/masculinização do esporte: “Meninos são brutos” (Alunas 2, 14). “É um esporte violento” (Aluna 17). “É um esporte masculinizado” (Aluna 36)

As respostas apontadas pelas participantes guardam relação com a forma como as aulas de Educação Física são propostas.

Como se pode perceber na Figura 2, grande parte afirma que as turmas são mistas (77%). Dentre estas, 58,3% acham bom e importante, segundo comentários do tipo: “É correto” (Alunas 5, 6, 7). “É normal” (Alunas 7, 34). “Aprendemos a jogar juntos” (Alunas 3, 14, 15, 18)

Figura 2: Organização das turmas para prática do Futebol nas aulas de Educação Física



Da mesma forma que algumas participantes entendem que as experiências com as turmas mistas são positivas, outras apresentam algumas ressalvas quanto à prática com os meninos: “Meninos são mais fortes” (Alunas 2, 30, 31, 46). “Devem ter um cuidado a mais” (Aluna 43, 44). “É perigoso” (Aluna 31). “Pode machucar” (Aluna 23). “Acontecem discussões sem necessidade” (Aluna 30). “Quando [as meninas] jogam, pouco participam do jogo” (Aluna 37).

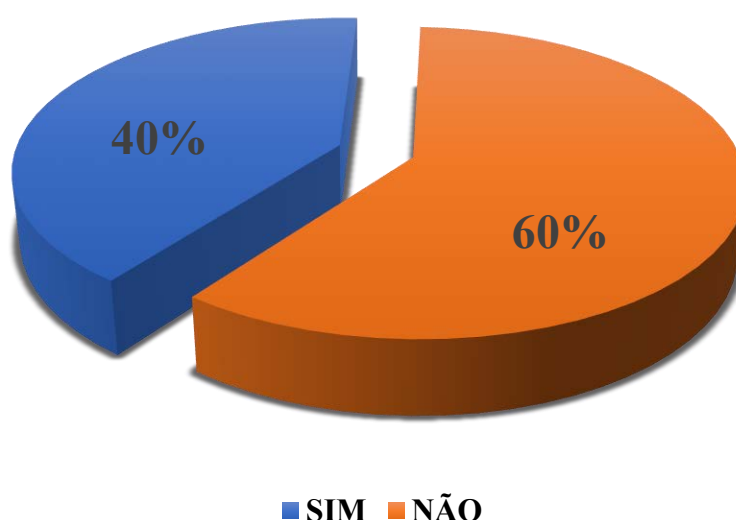
Outras 11 meninas (23%, com base no total de 47) relataram que, quando jogam, as turmas são exclusivamente femininas. Dentre essas, 5 argumentaram a favor desta composição, tendo como exemplo os comentários: “(...) algumas meninas não jogam mistas pois têm medo

de se machucar” (Aluna 27). “Correto levando em consideração a força e preparo dos meninos” (Aluna 33). “Ótimo pois não tem perigo dos meninos nos machucarem” (Aluna 35).

Cinco delas não acham correto as turmas serem só composta por meninas, segundo as menções: “Ridículo, porém não tem muito incentivo para as meninas jogarem, pelos próprios meninos” (Aluna 12). “Deveriam ser mistas para tentar combater o preconceito” (Aluna 36).

Em relação a existência de incentivo dado pelos professores para que elas também joguem futebol nas aulas, conforme consta na Figura 3, nota-se que a maior parte diz não haver incentivo para elas, por parte dos professores, para a prática do futebol.

Figura 3: Incentivo dos professores para a prática do Futebol

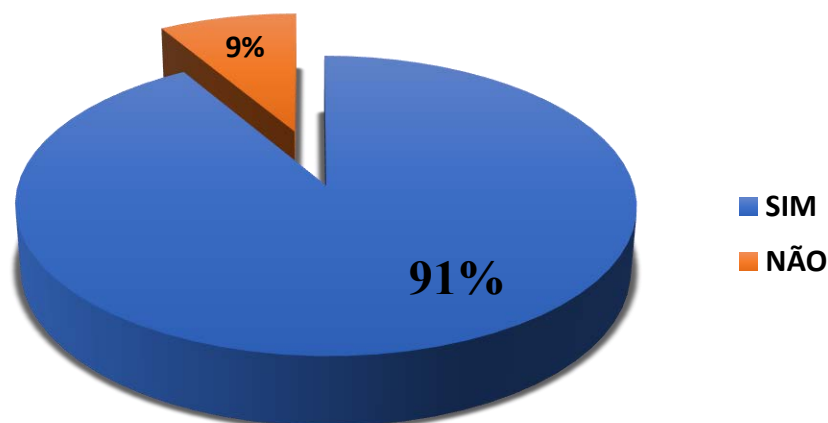


Com relação às justificativas para as respostas, as que afirmaram haver reforço positivo pelos professores, relataram que foram somente estímulos orais, relacionados a melhora das capacidades físicas, de assegurar direitos iguais e pela razão de ser um conteúdo curricular. Três assinalaram que há incentivos na forma de prática fora do horário das aulas, e duas que é uma das formas de avaliação. Outras duas se sentiram menosprezadas: “[Os professores] não acreditam em nós.” (Aluna 40). “[Há incentivo] só quando as meninas querem [jogar]” (Aluna 46).

Além disso, foi perguntado sobre a opinião das participantes quanto a questão: “o Futebol deve ou não fazer parte dos conteúdos das aulas de Educação Física?” A Figura 4 apresenta, de forma consolidada, as respostas. Percebe-se que a grande maioria considera o futebol como necessário nas aulas. É importante ressaltar que tal opinião é das meninas, mas não necessariamente se encaixa na categoria Interesse. Isso porque na Tabela 3, as informações

se referem a aspectos relacionados somente ao interesse delas próprias. Aqui foram considerados aspectos mais amplos, relacionados também aos meninos.

Figura 4: Futebol como conteúdo nas aulas de Educação Física



Entre as participantes que argumentaram a favor, na parte aberta da questão, vê-se, na Tabela 5, que responderam simplesmente que é um esporte, por isso deve ser trabalhado nas aulas. Também justificaram que é parte da cultura, muito presente na mídia e, de alguma forma, na vida do brasileiro. Deve ser considerado ainda, segundo as meninas, alguns aprendizados que o futebol traz para todos, por exemplo aprender trabalhar em equipe e lidar com situações adversas. Além disso, mencionaram a importância de se praticar algum esporte e/ou exercício para a saúde, de forma que também é trabalho da escola fomentar essa prática.

Tabela 5: Justificativas para o futebol como conteúdo da Educação Física

MOTIVOS	FREQUÊNCIA
ESPORTE	9
PARTE DA CULTURA	7
NOVOS APRENDIZADOS	7
PRÁTICA/EXERCITAÇÃO	5
DESNECESSÁRIO	4
GOSTO	4
DIVERSÃO	3
OUTROS	2

Entre os comentários trazidos pelas participantes, os motivos apresentados em dois relatos justificando que o futebol e futsal não devem fazer parte do currículo chamam a atenção:

“Há outros conteúdos a serem trabalhados” (Aluna 29). “Já foi muito trabalhado desde o Ensino Fundamental. Se torna repetitivo.” (Aluna 32).

Tais relatos mostram a importância da variabilidade de conteúdos para a disciplina, uma vez que os próprios alunos percebem essa repetição e tem ideia da quantidade de conteúdos possíveis de serem abordados. Além disso, há que se considerar a maneira como o conteúdo tem sido trabalhado, de forma a não deixá-lo desmotivante.

7. DISCUSSÃO

É importante destacar a escassez de trabalhos que abordem essa temática, visto que poucos foram os dados encontrados na literatura para contrastar com os resultados desta pesquisa. Entre os poucos encontrados (KERNE, 2014; BETTI; LIZ, 2003; SOUZA JR; DARIDO, 2002), estão trabalhos relativamente parecidos com o nosso, porém mais antigos e aplicados a alunas do Ensino Fundamental. Ainda assim, como nosso estudo procurou considerar toda a Educação Básica, eles foram muito utilizados.

Em relação aos primeiros resultados, sobre os esportes preferidos por meninas, os resultados são semelhantes aos de Kerne (2014). Em seu estudo, com meninas de uma escola do interior do Rio Grande do Sul, o Voleibol apareceu com a principal modalidade na preferência delas e, em segundo lugar, também o Futebol, logo à frente do Handebol e Basquetebol. Entretanto, seu questionário foi fechado, com as escolhas devendo ser feitas entre esses quatro esportes coletivos. Nossos dados foram colhidos de forma aberta e exibidos de maneira diferente, mas também indicaram que o Voleibol é o esporte preferido das alunas, com 38 menções, sendo 23 em primeiro. Em seguida, o Futebol, com 29 menções, 12 em primeiro, seguidos de Queimada e Basquete. Aqui, cabe ressaltar que a Queimada não é um esporte oficialmente, mas foi colocado pela quantidade significativa de menções. Isso mostra que pode haver uma confusão de entendimento por parte das meninas entre os conceitos de “jogo” e “esporte”, conceito primordial dentro da Educação Física, e que deve ser trabalhado pelos professores.

Betti e Liz (2003) também estudaram as relações de meninas do Ensino Fundamental para com a Educação Física. Perguntadas sobre aquilo que mais gostavam nessas aulas, elas citaram também conteúdos semelhantes aos nossos, pela ordem: Voleibol, Handebol, Futebol, Basquetebol, seguidas de “jogos” e esportes em geral. Neste estudo, elas também mencionaram que a “Dança” está relativamente bem posicionada quanto a preferência das meninas, fato que não ocorreu em nossos dados, já que nenhuma menina se posicionou a respeito deste conteúdo.

No mesmo estudo, elas mencionaram fatores que não gostavam nas aulas. Os principais são idênticos aos nossos, Basquetebol e Futebol, seguidos de Voleibol e Handebol (BETTI; LIZ, 2003). A Tabela 2 mostra que os dois esportes mais rejeitados pelas meninas são os mesmos, sendo o Futebol também o segundo colocado, seguidos de Handebol e Boxe. Isso pode demonstrar um pouco sobre a falta de interesse e sentido de parte das meninas para com estes conteúdos (Tabela 4), de acordo com comentários acerca da violência e masculinização do Futebol em nosso caso, mas também podendo ser estendido ao Basquete e ao Boxe.

Em estudo nas escolas do Ensino Fundamental da rede pública de Rio Claro (SP), realizado por Souza Junior e Darido (2002), o Futebol teve boa aceitação entre as meninas e ficou, assim como em nossos achados, em segundo lugar na preferência por modalidades esportivas escolhendo de maneira fechada entre os quatro já citados. Os resultados são parecidos com o encontrado em nossa pesquisa, visto que o Voleibol teve os melhores números entre elas, com 54%, na frente do Futebol, com 39%, tendo em terceiro e quarto lugar, respectivamente, o Basquetebol e o Handebol. Esse fato é um ponto positivo para os professores de Educação Física quando da implementação do futebol em suas aulas.

As primeiras subcategorias das Tabelas 3 e 4 parecem apresentar contradição, uma vez que houve 38 menções sobre o “gosto” pelo futebol e, ao mesmo tempo, 19 menções contrárias. Isso mostra que as meninas estão muito divididas com relação a percepção de sentido e interesse por esta modalidade. Retomando Charlot (2000), só se mobiliza e investe esforços em algo quando se vê sentido naquilo, tendo o desejo como propulsor destes esforços. Tudo isso de acordo com as relações construídas com este objeto ao longo da história e formação do sujeito. Dessa forma, percebe-se que as relações das meninas para com o futebol são diversas, isto é, parte teve relações positivas em suas vidas, talvez nas aulas de Educação Física, com a família, no bairro onde moram, e parte estabeleceu relações negativas, relacionadas às subcategorias da Tabela 4.

Autores como Betti (2007) têm demonstrado que vivências e experiências corporais transformam um conhecimento antes abstrato em concreto, de tal sorte que este adquire significado para o sujeito, pois ele constrói sentido a partir da prática. A partir daí ele tem mais condições de avaliar se este saber interiorizado lhe é útil e/ou é do seu agrado, ou seja, se ele se mobilizará em busca de novas práticas. De acordo com Charlot (2000) isso é o que ocorreu, para parte das participantes, quando o conteúdo foi o Voleibol e o Futebol, e em menor proporção a Queimada, o Basquete e o Handebol. Por serem mais praticado nas aulas, o número de vivências e experiências é relativamente alto, e algumas interiorizaram um sentido e um significado em suas vidas, se interessando mais pelo assunto e por mais práticas. Tais informações são confirmadas pelos relatos: “legal (alunas 2, 15, 19, 30, 32, 37, 39, 42 e 44) / gostei (alunas 7 e 8) / foi bom (alunas 14, 23, 24, 25 e 27) / emocionante (aluna 2)”, de forma que o significado e as experiências positivas levaram ao interesse pelo esporte.

Por outro lado, baseado no referencial teórico, com relação aos esportes menos atrativos na opinião delas, três coisas chamam a atenção: ou as práticas podem não ter sido bem-sucedidas, e aconteceram fatos negativos (como algum tipo de lesão); ou não foram suficientes para interiorizar e concretizar o saber e, assim, parte delas pouco se mobilizará para novas

vivências. Aqui entra o papel do professor de Educação Física, proporcionando espaço, tempo e variabilidade de práticas, para que os alunos construam seu arcabouço de experiências motoras e sentimentos a partir delas. Também pode ser que elas tenham adquirido este saber, mas, por diversos motivos não se interessaram e não perceberam valor e significado em suas vidas nesse determinado momento. Neste caso, a individualidade biológica e o contexto do aluno pode ser preponderante, não sendo mais responsabilidade do professor, já que, na teoria, ele já cumpriu sua função.

As figuras do aprender de Charlot (2000) também podem ter influência no estabelecimento destas relações. Relembrando o autor, duas das formas de apropriação de saberes são o domínio de atividades, como participar de algum tipo de esporte, e os dispositivos relacionais, que é o aprender a relacionar-se com as pessoas. Estas formas de apropriação estão intimamente ligadas ao sentido que se estabelece em determinado saber, pois é difícil [querer] aprender algo que não se vê interesse e/ou valor, de acordo com o contexto e tempo histórico e pessoas com quem se tem contato, além das oportunidades. Em outras palavras, com base na teoria (CHARLOT, 2000), em determinados momentos da vida de algumas das nossas participantes, houve apresentação do Futebol e/ou do Futsal para elas, em diferentes contextos, inclusive nas aulas de Educação Física. Todavia, pelo fato de elas não verem sentido na modalidade naquele momento, não houve a apropriação deste saber, por inúmeras razões. Por isso, as falas “meninos são brutos (alunas 2 e 14) / é um esporte violento (aluna 17)”. Neste caso, a falta de significado do esporte se acrescenta a experiências negativas de relacionamento, o que causou o desinteresse pela prática.

O contrário também pode ser verdadeiro: para a outra parte que relatou se sentir atraída pelo Futebol de alguma forma, havendo algum interesse nele, os estímulos dados por professores, familiares e amigos podem ter sido o suficiente e com a qualidade necessária para que elas se mobilizassem e o saber fosse apropriado (CHARLOT, 2000). As meninas que afirmaram ter motivos para aderir ao esporte, encontraram motivos geradores de comportamentos de sociabilização interiorizados pela prática, que é a figura do aprender denominada por Charlot (2000) de “dispositivos relacionais”. Por outro lado, o comportamento de não adesão ao futebol pode ser explicado também por fatos negativos que por ventura ocorreram em vivências passadas, como atritos com os meninos e por eles jogarem com mais força e violência, na visão de algumas delas, e, com isso, não despertando o desejo que leva a mobilização e a atividade do sujeito (CHARLOT, 2000). Percebam que, anteriormente, tais fatos negativos se referiram mais a questões do próprio esporte, da sua lógica interna e externa. Aqui, eles se referem ao relacionamento interpessoal que ele proporciona, interiorizados pelas

participantes justamente de forma não positiva e, assim, causando interesse ou desinteresse pela prática.

Ainda no estudo de Kerne (2014), 89% das meninas teve alguma experiência com o futebol nas aulas de Educação Física, em detrimento de 70% do nosso, mas não houve classificação dessas entre positivas ou negativas. Um dado muito interessante foi que 72% delas relataram que costumam jogar futebol na escola. Apesar de ser dados mais antigos, Souza Junior (1991) encontrou que poucas eram as que experimentavam esta atividade em ambientes de ensino, sendo que quando elas jogavam, era mais na rua com amigos e vizinhos, fato que pode ter se alterado atualmente, carecendo de estudos a respeito.

No trabalho de Souza Junior e Darido (2002), 87% das garotas relataram já ter tido experiências com o esporte nas aulas, número superior ao nosso. E perguntadas se elas costumavam jogar na escola, 91% disseram que sim. No entanto, os autores relatam que isso pode ocorrer apenas formalmente, não voluntariamente, por ser um componente curricular. Por outro lado, também pode mostrar que elas vêm ganhando espaço.

Betti (1999) mostrou que algumas modalidades esportivas com o Voleibol, Basquetebol e o Futebol são maciçamente utilizados nas aulas de Educação Física, na maioria das vezes deixando de lado outros conteúdos da área, tão importantes quanto. A Tabela 5 e os comentários abaixo dela confirmam essa constatação, pois parte das meninas considera que o Futebol e o Futsal devem fazer parte do currículo apenas por se tratar de um esporte, nem sempre trabalhado de forma proveitosa. Tal fenômeno tem sido denominado de Educação Física esportivista. A esse respeito, no trabalho de Betti e Liz (2003), foi assinalado que os alunos, no geral, percebem os benefícios da Educação Física no sentido de “aprender esportes” e “melhorar o condicionamento físico e a saúde”, evidenciando a valorização da cultura esportivista e do corpo saudável, deixando em segundo plano questões ligadas à sociabilização. Esse ponto foi notado neste estudo, visto que nenhuma participante mencionou no item “aspectos positivos” sobre as relações com o outro que o Futebol e os esportes proporcionam, ou seja, desinibição e construção de amizades.

Souza Junior e Darido (2002) assinalaram que, para 96% das participantes, o Futebol deve ser um conteúdo para a Educação Física, número próximo ao nosso e próximo ao de Souza Junior (1991), em que 100% das alunas da 5ª série, antiga nomenclatura para o atual 6º Ano, de acordo com as Leis nº 11.114/2005 e nº 11.274/2006 (BRASIL, 2009) responderam questão semelhante. Mas, neste caso e naquela época, a professora não o oferecia como componente curricular.

Existe, no Estado de São Paulo, desde 2008, o Currículo Oficial para a Educação Física, documento que buscou integrar e articular os conteúdos em toda a rede de ensino dos níveis fundamental e médio. Os materiais apresentam situações de aprendizagens que visam orientar o trabalho dos professores (SÃO PAULO, 2008). A Educação Física integra a área das “Linguagens, códigos e suas tecnologias”, embasada pela perspectiva cultural do “Se movimentar”. Nesta proposição, tenta-se priorizar não apenas o movimento em si, mas o sujeito em movimento, dentro das situações e contextos particulares e segundo os significados e sentidos atribuídos a este movimento (KUNZ, 2006). Tudo isso através de grandes eixos de conteúdos, resumidos e expressos no jogo, esporte, ginástica, luta e atividade rítmica.

Ao futebol, por exemplo, acresce-se àquela experiência irredutivelmente lúdica presente na sociedade brasileira (o “brincar” de futebol), o significado/sentido do futebol como esporte, com suas regras, técnicas e táticas etc., que comporta tanto a experiência da “prática”, como o da assistência ao espetáculo futebolístico (presencial ou televisivo). (SÃO PAULO, 2008, p. 45)

Considerando que nossos dados mostraram que boa parte das meninas tem ou já teve experiências com esse esporte nas aulas, o número de menções negativas e, ainda, algumas que disseram já ser um tanto quanto repetitivo este conteúdo, devemos nos atentar para a forma como ele vem sendo trabalhado.

O estudo de Kerne (2014) mostrou que 76% das alunas entrevistadas praticam Futebol com os meninos em turmas mistas, dado muito parecido com o aqui encontrado, haja vista que 77% afirmaram que isso ocorre. Novamente, apesar de não se ter ouvido a opinião das meninas a respeito desta configuração, parece que algumas meninas estão dispostas a jogar e que os meninos podem estar mais abertos à participação delas, embora os dados apresentados nesta pesquisa tenham mostrado que houve alguma resistência por parte deles, de acordo com a percepção das participantes.

No estudo de Souza Junior e Darido (2002), foi encontrado que 70% das meninas relataram que as turmas nas aulas de Educação Física são mistas, porém meninos e meninas fazem atividades diferentes em locais distintos. O principal argumento para tal fato talvez seja a superioridade dos meninos em quase todas as capacidades físicas, mas isso só se justificaria se o objetivo das aulas fosse o rendimento (FREIRE, 1989).

No trabalho realizado na cidade de Crato-CE com 100 alunos e alunas de escolas públicas e privadas, 67%, em comparação de 91% dos nossos achados, disseram que o Futsal é um conteúdo importante para a Educação Física, por motivos semelhantes (entendimento de regras, socialização e bem-estar físico). Segundo os autores, pequena parcela (não exibida)

apontou que a metodologia de ensino estava defasada, ou que se trabalhava nas aulas na forma de treinamento. Sobre o incentivo dados a eles e elas, alguns alunos (não quantificado pelos autores) expuseram que ele existe, na forma estrutural, material e social. No entanto, algumas meninas, também não quantificadas, relataram se sentir injustiçadas por não receberem os mesmos estímulos que os meninos. Além disso, a grande maioria delas, tanto da escola pública quanto da particular, relataram nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação na prática do futebol (MARTINS et al., 2016). Os autores citaram dois comentários de uma pequena parcela que já teria sofrido algum preconceito por jogar futsal (“mulher macho”/ “futsal não é para mulher”), porém eles não se relacionam direta e especificamente com os relatos das participantes da nossa pesquisa. As meninas pesquisadas por nós falaram a respeito do impedimento da prática da maioria delas pelos meninos e pelo esporte ser um tanto quanto violento, na visão delas.

Em relação à interpretação de práticas corporais como masculina ou feminina, Oliveira (2008) entrevistou 35 mulheres (atletas universitárias, ex-atletas e ou praticantes por lazer). Nenhuma colocou o Futsal como “masculinizante” ou “feminilizante”, ou seja, todas interpretaram tal esporte como prática para ambos. Em nossos achados, apenas 4 falaram sobre a possível masculinização e rusticidade da modalidade.

Flores e Silva (2011) também pesquisaram quais as perspectivas de 122 alunas das categorias infantil e juvenil da cidade de Caxias do Sul (RS) em relação ao futebol. Talvez em razão da prática mais constante nos treinamentos, 92% delas afirmaram ser este seu esporte preferido, sendo que apenas 5% não praticam nas aulas de Educação Física. Além disso, 60% delas disseram já terem sido criticadas de alguma forma por praticar tal esporte, tratado pelos autores como preconceito. Apesar de haver aí um critério relativamente subjetivo por parte dos pesquisadores, estes dados não refletem os nossos e os anteriores discutidos aqui, merecendo, de qualquer maneira, atenção por parte dos professores.

Não nos cabe entrar no mérito de todas estas questões, mas quisemos mostrar que nem sempre há preconceito e discriminação para com as meninas na prática do futebol. Os dados do nosso estudo permitem afirmar que também é algo intrínseco por parte de algumas participantes, assim como o é de parte dos meninos, não ver sentido neste esporte para suas vidas, sendo que não cabe a ninguém forçá-las a gostar (CHARLOT, 2000). O que é essencial entrar no mérito, e que é dever dos professores de Educação Física, é o oferecimento do conteúdo Futebol e Futsal para todos e todas, em igualdade de condições e incentivo, já que é mais fácil gostar, interessar-se e ver sentido naquilo que conhecemos melhor. Destaca-se, inclusive, que a igualdade de condições pode não ser jogar conjuntamente em turmas mistas.

Algumas das próprias meninas relatam que não se sentem bem jogando com os meninos, principalmente pelas diferenças biológicas. Às vezes, igualdade de condições é criar espaços para que elas possam jogar entre si, assim como os meninos jogam entre eles.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tecer algumas considerações a respeito do trabalho apresentado, é importante retomar o objetivo desta pesquisa, que se propôs a identificar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre a prática do Futebol/Futsal feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo/SP.

Em função dos dados apresentados foi possível perceber que, segundo as participantes da pesquisa, o Futebol é marcado por posicionamentos polarizados, visto que é um dos esportes preferidos pelas alunas, porém é também um dos mais rejeitados. Charlot (2000) afirma que esse interesse advém das relações que tal esporte mantém com a vida das participantes neste determinado momento, sendo que, para as primeiras, haverá maior mobilização e chance deste saber ser adquirido. As demais não se mobilizam para a atividade uma vez que não encontram sentido e significado neste saber.

Aspectos da lógica interna e externa do Futebol, assim como os relacionamentos interpessoais que a prática proporciona influenciam diretamente a participação das alunas. Para aquelas que apresentam aderência às experiências com o Futebol, o interesse se dá pelas vivências e experiências positivas na escola, no bairro e em outros espaços, além de guardar relação com as pessoas com quem se aprendeu e com quem se jogou. Por sua vez, quando há ausência de vivências e experiências, quando elas se tornam negativas, por lesões (ainda que simples) ou por comportamentos inadequados das pessoas do contexto da prática, inclusive dos meninos, elas não encontram motivos para mobilizarem para a atividade e o desinteresse prevalece.

A prática do Futebol na escola, quando realizada em turmas mistas, é vista como positiva, porém há ressalvas como os cuidados extras dos meninos durante as práticas. A falta destes cuidados abre a possibilidade para que grupos exclusivamente femininos sejam constituídos quando a atividade da aula seja relacionada à prática do Futebol, tornando-se um empecilho para elas. Ressalta-se que, em alguns momentos, a separação da turma entre meninos e meninas pode favorecer a mobilização para a atividade.

Além disso, o pouco incentivo dos professores para a prática do Futebol por alunas é um dos fatores desestimulantes e gerador de desinteresse. Ainda, muitas veem o futebol como conteúdo fundamental para as aulas de Educação Física, fato que pode ser um aliado importante para o professor.

É importante ressaltar, também, que a literatura vem insistindo em temas como preconceito, afirmando que esse é o principal motivo do distanciamento das alunas da prática

do Futebol na escola. Porém, este estudo não trouxe evidências desse fator como preponderante. Apesar de ser um fator a ser considerado e trabalhado com cautela, parece que não é um esporte atrativo para todas, sendo algo absolutamente normal.

Sugere-se como estudos futuros reforçar ou contrariar essa visão, investigando mais a fundo e em diferentes regiões os motivos da prática pelas meninas e também pelos meninos.

Para os docentes de Educação Física, reforça-se a importância do trabalho com o conteúdo Futebol e/ou Futsal nas aulas, uma vez que é um dos papéis da Educação Física proporcionar espaço para vivenciar e experienciar a maior gama possível de elementos da cultura, trabalhando o sujeito em movimento, seus contextos particulares e os significados deste movimento.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, 1998.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. reimp. Lisboa: **Edições**, v. 70, 2011.

BETTI, I. C. R. Esporte na Escola: Mas é só isso Professor? **Revista Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

BETTI, M. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Journal of Physical Education**, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2007.

BETTI, M. et al. Os saberes da Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, São Paulo, v. 1, p. 155-165, 2015.

BETTI, M.; LIZ, M. T. F.. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, v. 9, n. 3, p. 135-142, 2003.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R.. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.

BRASIL. **ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: PASSO A PASSO DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO**. Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passos_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria, trad. Bruno Magne, Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, p. 97-105, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Origem**. Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

DAL-FARRA, R.A.; LOPES, P.T.C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances**: estudos sobre Educação, v. 24, n. 3, p. 67-80, 2013.

DAMO, A. **Do dom a profissão**. Porto Alegre: Hucitec, 2005

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Topázio, 1999.

_____. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DARIDO, S. C. et al. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2017.

DUARTE, W. R. R.; INDALÉCIO, A. B. Análise sobre a visão de alunas do Ensino Fundamental II sobre a prática do futsal/futebol feminino nas aulas de Educação Física em um município do Noroeste Paulista. **ANAIS**, v. 1, n. 1, 2016.

FARIA JUNIOR, A. G. Futebol-questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Pesquisa de Campo. **Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol**, v. 1, n. 2, p. 17-39, 1995.

FERNANDEZ, M. **Clube sem futebol feminino ficará fora da Libertadores a partir de 2019**. 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

FERREIRA, A. F. et al. Secondary education student bodily practices: Implications of gender in and outside physical education classes. **Motriz. Revista de Educação Física**, 2016.

FIFA (Ed.). **Women's survey**. 2014. Disponível em: <<http://www.fifa.com/womens-football/womens-survey.html>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

. **Mission**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/womens-football/mission.html>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

. **Marta's Awards**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/fifa-tournaments/players-coaches/people=190358/index.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FLORES, D. S.; SILVA, M. A. A participação do gênero feminino no futsal/futebol escolar da cidade de Caxias do Sul. **DO CORPO: Ciências e Artes**, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul/dez. 2011.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. Campinas: Scipione, 1989.

FUTEBOL NO BRASIL. **Futebol Feminino**. Disponível em: <http://futebol-nobrasil.info/mos/view/Futebol_Feminino/>. Acesso em: 29 mai. 2018.

GIOVÂNI FIRPO, D.E.L.D. et al. Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos? **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 4, p. 653–661, 2015.

HUNGER, D. A. C. F.; ROSSI, F. A formação continuada de professores: entre o real e o ideal. **Pensar a prática**, p. 915-932, 2012.

KERNE, F. Female football in school: a perspective of girls of elementary education/FUTEBOL FEMININO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 6, n. 22SI, p. 278-285, 2014.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006.

LA TAILLE, Y. DE. O sentimento de vergonha e suas Relações com a Moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 13–25, 2002.

MARTINS, L. M.; BACURAU, A. E. S.; JARDIM, P. P.; NETO, J. C. S.; DE OLIVEIRA, F. M. C. O futsal feminino em escolas da rede pública e privada de Ensino médio da cidade de Crato-CE. **Anais do III Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. V. 1, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA11_ID7632_10082016162039.pdf> Acesso em: 08 out. 2018.

MILANI, A. G.; DARIDO, S. C. Os conteúdos atitudinais no Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 2, 2016.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, A. M.; NEVES, I. P. Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 20, n. 2, p. 75-104, 2007.

NEVES, J.; FAGUNDES, G. **Caminhos e desafios do Futebol Feminino na escola**. 2012. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012.

OLIVEIRA, C. S. **Mulheres em quadra: O Futsal Feminino fora do armário**. 2008. 58f. TCC (Graduação) – Curso de Educação Física, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

PAIS, S. **Santa Cruz goleia Ourinhos e é tetracampeã da Copa TV TEM**. 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/Copa-TV-TEM-de-Futsal-Bauru/noticia/2017/05/santa-cruz-goleia-ourinhos-e-e-tetracampea-da-copa-tv-tem.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. **Journal of Physical Education**, v. 16, n. 2, 2005.

RODRIGUES, R. R. **Futebol Feminino: Apontamentos sobre o Preconceito**. 30f. TCC (Graduação) – Curso de Educação Física, Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, Rondônia, 2015.

SANTA CRUZ NEWS. **Futsal Feminino: Santa Cruz vence Ourinhos e conquista 3º título da Copa Record**. 2018. Disponível em: <<http://santacruznews.com.br/2018/05/25/futsal-feminino-santa-cruz-vence-ourinhos-e-conquista-3o-titulo-da-copa-record/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 4, p. 45-50, 2008.

SANTOS, A. C. **Futebol Feminino: Cartão Vermelho para o Preconceito**. 15f. TCC (Pós-Graduação) – Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, Universidade Federal do Paraná, São Paulo, 2016.

SANTOS, F.M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.

SANTOS, J.L.G.et al. INTEGRATING QUANTITATIVE AND QUALITATIVE DATA IN MIXED METHODS RESEARCH. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, n. 3, 2017.

SÃO PAULO, **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física**/ Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ensino médio**. 2008.

SCHNEIDER, E. M.; FUJII, R. A. X.; CORAZZA, M. J. Pesquisas Quali-Quantitativas: Contribuições para a pesquisa em ensino de Ciências/ Quali-Quantitative Research: Contributions to research in Science Teaching. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 9, p. 569-584, 2017.

SCHNEIDER, O; BUENO, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.23-46, jan./abril 2005.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **A Implementação de uma Proposta de Futebol Feminino para a Educação Física Escolar**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação. Rio Claro. Universidade Estadual Paulista. 1991.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S.C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, v. 8, n. 1, p. 01-09, 2002.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, 2013.

UNZELTE, C. **O Livro de Ouro do Futebol**. Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, 2002.

WILSON, J. **A pirâmide invertida: A história da tática no futebol**. Kasa Futebol Editora LTDA-Grande Área, 2016.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO

1- Cite 3 esportes que você mais gosta e 3 esportes que menos gosta.

2- Você já teve alguma experiência com o futebol/futsal nas aulas de Educação Física neste ou nos outros anos? () Sim () Não
Relate sua experiência.

3- Meninas costumam jogar futebol/futsal em sua escola? () Sim () Não
Por quê?

4- Como são compostas as turmas que jogam futebol em sua escola quanto ao sexo:
() Turmas exclusivamente femininas () Turmas mistas
O que você acha disso?

5- O futebol/futsal deve fazer parte dos conteúdos de suas aulas de Educação Física?
() Sim () Não
Justifique.

6- Há incentivo por parte dos educadores para que se pratique o futebol/futsal feminino?
() Sim () Não
Que tipo de incentivo?

7- Já participou de algum campeonato de futebol/futsal?
() Sim. Como foi?

() Não. Por quê?

8- Existe treinamento de futebol/futsal feminino na escola?
() Sim. Você participa? Qual a frequência semanal? Quantas meninas participam? Qual faixa etária?

() Não. Você acha que deveria haver? Justifique.

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ESCOLAS

Bauru, ____ de _____ de 2018.

Prezado(a) Sr.(a) _____

DD. Diretor(a) da Escola _____

Nos termos da atual legislação do Ensino Superior e normas expressas dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, bem como, do regulamento interno da UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio De Mesquita Filho” – UNESP, os cursos de formação de professores deverão obrigatoriamente, promover a realização de Trabalho de Conclusão de Curso para todos os seus alunos. Dessa forma, a falta da mesma impede a expedição do Diploma.

Para que possamos cumprir com esta exigência, vimos à presença de Vossa Senhoria, consultar sobre a possibilidade de nosso aluno **BRUNO JACOB DE CARVALHO**, regularmente matriculado no Curso de Licenciatura em Educação Física, realizar atividades da pesquisa intitulada “**O FUTEBOL/FUTSAL FEMININO NAS ESCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO**” junto a esta Instituição, em conformidade com as normas estabelecidas por vocês.

Agradecemos a sua colaboração e colocamo-nos à disposição.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Willer Soares Maffei
UNESP/BAURU

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Obrigatório para Pesquisa Científicas em Seres Humanos – Resolução n.º 466/12 – CNS)

Eu,.....RG..... Declaro que autorizo minha filhaRG..... a fazer parte, por livre e espontânea vontade, da pesquisa: O futebol/futsal feminino nas escolas do Estado de São Paulo: um estudo no município de Santa Cruz do Rio Pardo. Informo que compreendi todas as informações que me foram dadas pelo pesquisador Bruno Jacob de Carvalho, que pode ser encontrada nos telefones (14) 33724636 e (14) 998320839, respectivamente responsável pela pesquisa, de acordo com o seguinte texto:

O objetivo do presente estudo será analisar o cenário atual do futebol/futsal feminino dentro do ambiente escolar do município de Santa Cruz do Rio Pardo, buscando apontar qual a perspectiva das alunas quanto à prática desse esporte na escola.

Reconheço que nenhuma compensação será oferecida em decorrência da participação na pesquisa e que minha assinatura neste documento, por livre e espontânea vontade, representa a concordância para minha filha atuar como sujeito no estudo proposto. A qualquer momento, até a conclusão da pesquisa, poderei desistir da participação de minha filha e retirar meu consentimento ou solicitar esclarecimentos. Minha recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

Fica assegurado que o nome de minha filha não será referenciado, reservando o sigilo de sua identidade, independente dos resultados obtidos serem favoráveis ou não. Essa pesquisa também, não trará despesas, gastos ou danos para mim. Todas as informações por mim fornecidas por meio dos questionários, e os resultados, serão mantidos em sigilo. Estes, só serão utilizados em publicações, eventos científicos, aulas, sem que meu nome venha a público. A participação nesta pesquisa consiste em, responder ao questionário, para uso exclusivamente acadêmico e científico. Os resultados obtidos poderão ser revertidos para os profissionais que atuam nessa área, bem como para obter informações que possam auxiliar na preparação/formação de futuros professores.

DECLARO, igualmente, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que nos foi explicado, consinto voluntariamente.

Santa Cruz do Rio Pardo, de de 2018.

Responsável pelo Participante

Pesquisador: Bruno Jacob de Carvalho

APÊNDICE D - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas na Resolução CNS nº 466/12. Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido e me coloquei à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida sobre a realização desta pesquisa.

Assinatura do Pesquisador

Bruno Jacob de Carvalho

Telefone para contato: (14) 33724636 e (14) 998320839



Prof. Dr. Willer Soares Maffei



Bruno Jacob de Carvalho